ENTREVISTA | **SIDNEY SANTIAGO KUANZA**

ATOR

‘Lima Barreto é um escritor-bússola para negros em diáspora’

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Bob Sousa/Divulgação



O ator Sidney Santiago Kuanza em ‘A Solidão do Feio’

> *“Entendo que, se este país não é justo, nosso trabalho é cavar estratégias para encontrar a justiça. Encontrei isso em Lima”*

Numa época em que sua assinatura ainda não carregava o Kuanza (indício de orgulho ancestral na briga com soluços coloniais), há 20 anos cravados, Sidney Santiago empatou com um Selton Mello então já gigante na disputa pelo troféu Redentor do Festival do Rio. Ganhou a láurea Melhor Interpretação com o belíssimo “Os 12 Trabalhos” (2006), de Ricardo Elias, enquanto seu colega, o eterno Chicó, venceu com “O Cheiro do Ralo”.

De lá para cá, Sidney brilhou em novelas (“Caminho das Índias”) e séries (“Queridos Amigos”). Também reluziu na luta contra intolerâncias, no papel do pugilista queer do curta “Diamante, O Bailarina” (2017), sem jamais se descuidar dos vetores racistas que invisibilizam populações pretas no país. Cansado deles, o astro, ligado há 21 anos à Cia. dos Crespos, evoca uma das mais potentes entidades de nossa literatura, Lima Barreto (1881-1922), para combater imposturas de segregação a partir do palco do Sesc Copacabana.

É lá que ele vai, a partir desta quinta-feira (12), com “A Solidão do Feio”, solo concebido e escrito por ele. A direção é compartilhada com Gabi Costa. Com o autor dos seminais “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909) e “Triste Fim de Policarpo Quaresma” (1915) em mãos, Sidney faz para si um novo caminho, tendo Lima como astrolábio para pensar a hipocrisia social em nossas estruturas de poder.

Falar de Lima no Brasil pós eleições significa devolver ao Presente a voz de um homem que jamais abriu mão de suas convicções, mesmo diante do isolamento e das adversidades. Nesta conversa, Sidney explica como essa jornada espelha suas constantes batalhas.

Que simbolismo Lima Barreto te confia?

SIDNEY SANTIAGO KUANZA — Quando eu tinha 12 anos, entrei no movimento negro, e um dos primeiros autores a que fui apresentado foi Lima Barreto. Sou da geração que lia através de bibliotecas pública. Quando passei a ler sua obra, Lima ainda não era considerado pelo cânone literário como um homem negro. Era apresentado como uma pessoa mestiça e, nesse processo, sua negritude acabava sendo retirada. Muitos anos depois, entrei na universidade, fiz um curso de Sociologia e Política e desenvolvi um trabalho relacionando Lima Barreto a Gaston Bachelard. Zerei nessa atividade pois a professora não creditava Lima como homem preto. Mais adiante, realizei outro projeto com a Cibele Forjaz, uma grande encenadora de São Paulo, e descobri o conto “Apologética do Feio”. Depois, fui interpretar Lima no cinema. Fiz Lima Barreto ao Terceiro Dia, do Luiz Antônio Pilar. Tudo isso para dizer que ele é uma dessas vozes brasileiras insubmissas. A cada dia descobrimos um pouco mais da genialidade desse homem, que foi muito sufocado pelo Brasil. Lima Barreto é um escritor-bússola para negros em diáspora.

O que fez de Lima Barreto um trilho para uma prosa moderna no Brasil?

Sua forma de conseguir tirar do futuro uma ideia de justiça. Lima tem uma dimensão muito particular: consegue falar daquilo que temos de mais positivo, das nossas virtudes, mas também dos nossos defeitos. E, mesmo quando apresenta uma visão pessimista, não abandona a esperança. Gosto muito da maneira como ele trabalha a primeira pessoa. Acho ainda genial a sua maestria em criar personagens que funcionam como espelhos da nossa própria sociedade. A forma de ele desenhar Policarpo Quaresma... É impressionante como conseguimos olhar para aquele personagem e reconhecer questões do Brasil de hoje.

O que seria essa capacidade de “tirar do futuro uma ideia de justiça”?

Entendo que, se este país não é justo, nosso trabalho é cavar estratégias para encontrar a justiça. Encontrei isso em muitos contos de Lima, nos olhares dos personagens e nos diálogos que ele constrói. É quase uma convocação ao leitor e, ao mesmo tempo, ao cidadão. Pensar o futuro exige engajamento, exige busca. Não se trata apenas de sonhar ou de ter esperança, mas de trabalhar para que essa esperança possa existir. Gosto muito dessa ideia de esperançar, porque ela nos coloca diante de uma responsabilidade.

Teu espetáculo integra a trilogia “Masculinidades e Negritudes”, na qual você fez Madame Satã. Agora tem Lima Barreto e o próximo será o poeta Cruz e Souza. O que os une?

A Cia. Os Crespos, da qual faço parte, tem 21 anos e trabalha espetáculos que permanecem em repertório. Fiz esse trabalho sobre Madame Satã ap longo de oito anos e ele circulou por cerca de 200 cidades. Estou pesquisando Cruz e Souza em Santa Catarina agora. São figuras bem diferentes, mas que nos permitem pensar a existência de homens negros que tiveram uma importância enorme na vida cultural e política do Brasil. São trajetórias que ajudam a compreender o país. São pessoas enfrentaram as estruturas sociais de seu tempo.

De que maneira nasceu a carreira que começou a se consolidar sob a direção artística de Hector Babenco, na série “Carandiru e Outras Histórias”, e ganhou vulto com o Redentor dado a você com “12 Trabalhos”?

A gente vive num país no qual trabalhar com senso crítico, com dignidade, na construção de uma carreira de ator ou de atriz cobra um preço. Ainda se premia muito a mediocridade por aqui. Costumo dizer que sou um operário da arte. Nasci na colônia de pescadores chamada Berço dos Peixes, na praia do Perequê. Nasci num contexto muito difícil, de pobreza no Brasil e de transição para a democracia. O que me alimentou para ser artista foi o circo. Era a única manifestação artística que chegava à minha colônia. Ali eu via dança, teatro, mágica e até atletismo, por causa dos trapezistas. Foram essas artes que começaram a formar meu pensamento crítico e minha vontade de estar no mundo.

Você está finalizando seu primeiro longa-metragem como diretor. Que filme é esse?

Agora em 2026, fiz um filme muito bonito chamado “Corações Solitários”, da Caru Alves de Souza. Conquistei também um edital da Spcine para finalizar meu primeiro longa como diretor, Negror em Paisagens, um documentário sobre o genocídio da juventude negra no Brasil. Estou finalizando essa produção.

SERVIÇO

A SOLIDÃO DO FEIO
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
De 12/11 a 6/12, quintas e sextas (20h30), sábados e domingos (19h). Ingressos: R$ 40 e R$ 20